

A informática no ensino de Biblioteconomia

Cléa Dubeux Pinto Pimentel

Professora do Departamento de Biblioteconomia/CEAC/UFP

Resumo – A pouca ênfase atribuída ao ensino da informática no curso de biblioteconomia é apontada como um distanciamento do bibliotecário da realidade existente no mercado de trabalho. São apresentados alguns fatores que vêm atuando para retardar as mudanças curriculares e apresentadas algumas sugestões para evitar o conservantismo no ensino de biblioteconomia com vistas a colocá-lo em posição de vanguarda pela incorporação das novas tecnologias da informação no seu currículo.

Palavras-chave: Ensino de Biblioteconomia, Informática na Biblioteconomia.

1 Introdução

A formação profissional do bibliotecário e sua atualização nos cursos de graduação e pós-graduação continuam suscitando inúmeras discussões por ocasião de congressos, reuniões, seminários e outros eventos nacionais, sendo apresentadas várias sugestões para adequação dos currículos às exigências do mercado de trabalho.

Entre as estratégias mais freqüentemente propostas, surgem, entre outras:

- o ensino de novas tecnologias da informação;
- qualificação do pessoal docente para o ensino dessas novas tecnologias;
- maior integração entre as Escolas de Biblioteconomia brasileiras e estrangeiras para intercâmbio de experiências.

A pouca ênfase atribuída ao ensino de disciplinas como “Busca on-line”, “automação de bibliotecas e serviços de informações”, “Tecnologia

de Bases de Dados”, etc., é apontada como um distanciamento do bibliotecário e do professor de biblioteconomia da realidade existente na sociedade atual. Por outro lado, as discussões em torno do assunto concluem que a moderna tecnologia da informação tem sido um fato decisivo que vem influido junto ao mercado de trabalho na valorização do bibliotecário como profissional da informação. Essa valorização decorre do reconhecimento por parte da comunidade, do fato de que o bibliotecário possui todos os requisitos para atuar junto às equipes de analistas de sistemas contribuindo, com seus conhecimentos, para melhoria dos atuais sistemas de informações e interagindo com os especialistas na elaboração dos projetos lógicos dos futuros sistemas a serem criados.

Entretanto, na maioria das Escolas de Biblioteconomia brasileiras, apesar de todas já terem implantado o novo currículo, constata-se a pouca ênfase atribuída à formação de um bibliotecário capacitado a enfrentar a realidade do mercado de trabalho, que requer um profissional com conhecimentos técnicos em processamento de dados, microcomputadores, acesso às bases de dados e gerência da informação. Isto está ocorrendo, sobretudo, devido a inexistência de professores com formação voltada para o emprego das novas tecnologias, já que a grande maioria dos docentes apenas dominam as técnicas da biblioteconomia convencional.

Tendo em vista a repercussão das constantes críticas à formação profissional do bibliotecário, durante a realização do 1º Encontro Nacional do Ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação – 1º ENEBCI, em Recife, os professores reconheceram a necessidade de serem introduzidas mudanças mais concretas no ensino de biblioteconomia e redirecioná-lo de acordo com as tendências impostas pela difusão das novas tecnologias da informação e sua aplicação nas bibliotecas e serviços de documentação e informação bibliográficas. Todavia, os professores reunidos durante o 1º ENEBCI reconheceram também que existem ainda poucas oportunidades de trabalho para bibliotecário que possuam esses novos conhecimentos e experiências devido a falta de renovação das bibliotecas e da pouca importância atribuída pelos dirigentes de empresas e de órgãos públicos aos serviços de informações, de Documentação e Biblioteca. Este é o fator que vem inibindo as Escolas de Biblioteconomia em enfatizar a formação de profissionais com novas qualificações e de mudar substancialmente os atuais objetivos dos cursos de biblioteconomia.

Como professores e responsáveis pela formação do bibliotecário temos que enfrentar esta realidade que nos desafia. Poucas são as experiências nacionais de treinamento pós-graduado para bibliotecários que atuam em bibliotecas tradicionais, capacitando-os no uso das novas tecnologias da informação e habilitando-os para atuarem junto às equipes técnicas no desenvolvimento de sistemas de informações.

Temos constatado, infelizmente, que o estímulo à especialização encontra-se fora da Escola. Os bibliotecários que hoje estão trabalhando em novas tecnologias receberam incentivos de suas instituições, que lhes propiciaram oportunidades de treinamento e desenvolvimento em outras instituições.

2 A Informática no Ensino de Biblioteconomia

A informática ainda não entrou regulamente no currículo dos cursos de biblioteconomia existentes no Brasil. neste sentido as Escolas estão muito atrasadas e não vem se comportando como centros formadores e propagadores da nova forma de proceder e trabalhar que o emprego da informática propicionaria à biblioteconomia.

A posição das Escolas em não assumir plenamente o ensino das novas tecnologias da informação nos leva a diferentes reflexões sobre a forma como os professores vem se posicionando frente à realidade de um novo mercado que se apresenta para o bibliotecário. Neste sentido algumas questões se apresentam como preocupantes: O que irá acontecer com as bibliotecas para a deficiência dos cursos de biblioteconomia? Será que as bibliotecas terão condições de continuar servindo às crescentes necessidades de informações por parte dos usuários, ou será que outras entidades assumirão esse papel? Como poderão as bibliotecas se manterem atualizadas em relação às inovações tecnológicas da informação, se os cursos de biblioteconomia não formarem os profissionais com as qualificações necessárias?

O reconhecimento de que a informática está mudando o perfil profissional do bibliotecário é uma realidade que as Escolas de Biblioteconomia precisam assumir. A introdução da informática no currículo do curso, todavia, deverá ser norteadas por uma filosofia que vise preparar o futuro bibliotecário para atuar numa área que não admite improvisações. E quem deverá ser apresentado primeiro ao computador não será o aluno, mas, o professor. Será ele o que necessitará conhecer essa tecnologia, compreendê-la e desejá-la.

Há também um outro obstáculo, talvez mais sério à integração da informática ao ensino da biblioteconomia: é o problema dos equipamentos, ou seja, a existência de laboratórios equipados com microcomputadores para uso de alunos e professores. Será preciso muita obstinação por parte dos dirigentes de Escolas e dos coordenadores de cursos para descobrirem alguma fonte oculta de verbas para uma finalidade tão evidentemente essencial para o ensino de biblioteconomia.

Durante os últimos anos, com poucas exceções, não conhecemos nenhum esforço por parte das Escolas, para redirecionar a formação do biblio-

tecário, considerando as profundas mudanças que o ensino de biblioteconomia está passando no mundo inteiro. Não houve a sensibilidade para ver que o profissional a ser formado pelo curso de biblioteconomia não é apenas o bibliotecário, mas, sobretudo o profissional da informação.

Outros fatores adicionais atuam, na nossa opinião, para retardar a real mudança que deverá ocorrer no currículo do curso de biblioteconomia: em primeiro lugar, o ensino superior em geral, que é preso à tradição nos métodos de ensino/aprendizagem e nas perspectivas em relação a eles. Enfim, existem barreiras psicológicas à mudança.

Indiscutivelmente, temos que reconhecer que o ensino de biblioteconomia é um dos mais conservadores da universidade brasileira com relação aos seus próprios assuntos profissionais: seus currículos, os programas, sua atuação, seus enfoques e objetivos. É que o ensino de biblioteconomia é o que sempre foi e o que tende a continuar a ser, caso não haja um movimento de impacto que force a mudança. O que queremos salientar é que existe uma oposição intrínseca à renovação e que fortalece o tradicionalismo do atual sistema de ensino, uma vez que uma das suas principais finalidades é, de qualquer modo, a transmissão da "tradição". Assim, uma das principais tarefas da Escola de Biblioteconomia, ao dar atenção à renovação do perfil do profissional que deverá formar, é salientar a importância do desenvolvimento de novas técnicas educacionais, menos ênfase no documento impresso, mais atenção ao usuário e suas necessidades de informações, mais abertura à tecnologia da informação, mais esforço no campo da pesquisa, mais integração com a indústria da informação.

3 Conclusão

Nada do que dissemos até aqui se constitui uma necessidade. A ênfase em afirmar que o ensino de biblioteconomia é conservador, queremos forçar a análise mais profunda sobre as verdadeiras causas desse conservantismo. O que nos interessa é mais um exame da nossa consciência profissional do que uma crítica aos cursos. Se for verdade que a pura relutância à mudança ameaça o futuro da profissão devemos proceder, imediatamente, uma modificação estrutural no currículo e partir para uma ampla conscientização da gravidade do problema.

Neste sentido é preciso formular questões bastante concretas e específicas e que, ao mesmo tempo, possam focalizar princípios e teorias que, talvez sejam mais importantes do que as próprias respostas a serem obtidas. No nível prático e concreto, duas perguntas evidentes se apresentam:

- a) a associação da informática ao ensino de biblioteconomia é realmente exequível?

- b) se assim for, por que ainda não está incorporada ao currículo do curso?

Nenhuma das perguntas poderá ser respondida sem um exame mais minucioso do que significa dizer *exequível*. A informática pode estar deixando de ser introduzida por uma das várias razões:

- a) porque os professores não a conhecem;
- b) porque não dispõe dos computadores e do material necessário e a instalação e manutenção são muito dispendiosas;
- c) porque o mercado de trabalho, nas regiões, não responde a essa tecnologia;
- d) porque a técnica exige conhecimento, compreensão ou outras qualidades que a maioria dos docentes dos cursos simplesmente não possuem;
- e) porque os professores, dirigentes de Escolas e Coordenadores de cursos são conservadores e acreditam que a base da biblioteconomia é convencional.

Com exceção da primeira, pouco sabemos a respeito de qualquer dessas razões, mas, a quarta é comumente a mais ignorada e a quinta será puro conservantismo.

Se for o puro conservantismo, tudo que tivermos de combater, deveremos ser capazes de idealizar maneiras de evitá-lo. Mas, o fato é que ao lado do conservantismo, temos também que introduzir programas avançados de capacitação docente, para que seja possível termos um ensino de boa qualidade.

Se desejarmos colocar o ensino de biblioteconomia na vanguarda pela incorporação das tecnologias da informação no seu currículo, temos que iniciar um amplo programa de conscientização para evitar o conservantismo, iniciando-se pela análise das influências comuns que atuam em todas as Escolas e concentram-se num pequeno grupo de condições que, embora não necessariamente características do ensino, exercem uma pressão limitadora, invulgarmente forte sobre as mudanças dentro das Escolas. São:

- a) Falta de metas bem definidas
A insegurança está na raiz de grande parte do conservantismo. A coragem origina-se de uma visão nítida das metas estabelecidas.
- b) Compreensão e aceitação
Poucas reformas no conteúdo curricular e nos métodos de ensino tem qualquer valor até que sejam compreendidas e aceitas de boa vontade pelos professores.
- c) Profissional da informação, o produto desejado

Este fator torna a reforma do ensino particularmente difícil. Os professores tendem a incorporar em si mesmos as virtudes e os defeitos do sistema no qual foram formados e, contudo, só através deles é que este poderá ser reformado.

d) Isolamento do professor

É o isolamento do professor que também justifica a lenta divulgação de novas tendências no ensino e inclusão de novos assuntos nos programas curriculares. Um coordenador de curso sabe o quanto é difícil saber exatamente o que se passa na maioria das salas de aula e o que um professor ensina sobre um determinado tópico do programa.

e) Limite de habilidade dos professores

As diferenças individuais nas habilidades dos docentes ocorrem em qualquer curso. As mudanças nos currículos e a introdução de novos conteúdos programáticos vão contar apenas com a efetiva participação de pouco mais de 20% dos professores. O êxito ou fracasso da mudança a ser introduzida talvez dependa da própria sensibilidade do coordenador do curso e do tipo de exigência para mudança que ele fará ao corpo docente.

Qualquer tentativa para redirecionamento dos objetivos do Curso de Biblioteconomia terá mais probabilidade de êxito se for parte de um movimento nacional, devidamente apoiado por alunos e pelos próprios profissionais. O esforço para inclusão da informática ao ensino de biblioteconomia deverá ser acompanhado de novos métodos de ensino, livros didáticos, laboratórios e especialmente de cursos de treinamento para os docentes adaptados aos novos objetivos do curso.

Isto tudo talvez possa parecer um problema de fácil solução, mas, não é. Cada professor e cada bibliotecário tem suas próprias idéias e opiniões sobre o ensino de biblioteconomia, entretanto não há razão para se acreditar que todos estejam empenhados em provocar as mudanças necessárias. Destes, o único que tem realmente o dever profissional de pensar as mudanças é o Coordenador do Curso, que sabe, exatamente, como reagem os professores após alguns minutos de exposição sobre as novas tendências da biblioteconomia.

Todavia, o Coordenador do Curso está vulnerável a dois perigos quando se coloca na posição de bibliotecário ou apenas de professor: ele pode afastar-se de suas idéias de mudanças curriculares e concentrar sua atenção em outros aspectos do ensino, ou, poderá comportar-se como um simples administrador pedagógico, limitando-se a acompanhar aspectos rotineiros da escolaridade do curso.

Resta-nos a esperança de que entre estas duas atitudes esteja sua obrigação profissional de lembrar a si mesmo e aos demais professores que o

futuro da biblioteconomia depende deles e dos objetivos da Escola. Este dever é o mais imperioso porque o Coordenador se vê obrigado a representar as opiniões de outros profissionais, que, ao contrário dele, não tem posição oficial na Escola e não participa do planejamento da formação profissional do bibliotecário.